

Liberdade e Pensamento Crítico

Liceu Camões, 9 Nov. 2019

OBSCURANTISMOS HOJE ?

*We do not see things as they are,
we see them as we are.*

- Anaïs Nin¹ -

Isabel Allegro de Magalhães

A obscuridade essencial

1. Vivemos num mesmo universo, mas as visões do “real” divergem. É claro que, até na Física e na Matemática não existe nenhuma evidência quanto a ‘uma verdade’. Grande passo na epistemologia foi a afirmação do “Princípio da Incerteza”, por Heisenberg, que permitiu depois – e por ínvios desvios – a escolha moral da ambiguidade, no sentido da escolha de posições falseadas que aparentam ser o que não são, diluindo valores e princípios². Também a neurociência garante que os nossos cérebros não processam representações directas da realidade (seja esta o que for). Porém, o que hoje acontece é uma excessiva diversidade de leituras e utilizações daquilo a que chamamos realidade. Essas divergências são contraditórias a uma escala que chega a desfazer o próprio real. E o que interpretações tão contraditórias sinalizam é uma fundíssima crise antropológica, que expõe uma Humanidade perdida do Sentido maior do seu existir, esquecida do seu próprio Destino.

O sonho de um mundo interligado, solidário, fraterno, esboroou-se, pois. E ficámos perante ganâncias de ordem vária: ganância de poder. Poder económico, financeiro, político, social, cultural, por parte dos novos (shakespearianos) *happy few*: poderesse que é hoje agilizado pelas infinitas possibilidades cibernéticas. Na fase da História que

¹In *Seduction of the Minotaur*. 1961. Citado em *Science American. Truth Lies & Uncertainty. Searching for Reality in Unreal Times*. Special Issue. Vol. 321 (3). Sept. 2019, 34.

²Este sentido de ambiguidade não se identifica com o que definiu Kierkegaard que diz não ser cada coisa isto ou aquilo, mas isto e aquilo em simultâneo, sem possibilidade de uma clara separação ou distinção.

vivemos, para além do objectivo urgente desalvar o próprio Planeta, o que urge é, escreveu Julia Kristeva, “refundar o Humanismo”³. É que ao ser substituído o Horizonte final da História por interesses individuais egoístas, proliferam múltiplas obscuridades, muitas delas resultantes de um agir intencional.

Obscuridade e Obscurantismos

2. A grande Obscuridade que é existirmos – porque “existir não é tudo”, como lembrava Fernando Pessoa-Bernardo Soares, falta-lhe o seu Sentido maior -- , contém em si miríades de pequenas ou incomensuráveis escuridões, obscuridades, em planos diferentes, e relativamente a matérias diversas. São sempre o oposto de Transparência e de Claridade e, ao serem intencionais, tornam-se obscurantismos. Por isso a crise antropológica está a ganhar uma força desmedida.

Creio que qualquer via propositadamente criadora de obscuridade no conhecimento da realidade, filtrando-a a seu bel-prazer, ou seja, obscurantista, resulta da imensa distração quanto à razão essencial de habitar a Terra. Assenta numa disposição da mente, do coração, da vontade, que se permite esquecer, ou pôr de lado, o propósito final da Vida. Supõe um desligamento ou um desinteresse em relação à Humanidade como conjunto de *seres-com-outros-no-mundo* (Merleau-Ponty), seres que à sua frente têm a tarefa insubstituível de levar a Terra e tudo o que ela contém a um Horizonte de Claridade, de Bondade, maior. Aliás, é a consciência de que se é consciente de si perante o Infinito, o que distingue afinal o animal humano dos outros animais. Dizia Edgar Morin que ‘a pergunta pelo ser é o que gera a novidade do humano em relação à animalidade’⁴ (e isto sem esquecer, naturalmente, a necessidade de banir o “especismo”).

Ora sabemos que estão em curso estratégias específicas para tornar alguns dos obscurantismos em curso eficazes – para quem os concebe ou utiliza: acções secretas, com vista a manipular cidadãos não-informados (que são a maioria), em proveito de entidades capitalistas e políticas, individuais e colectivas, que se servem bem das

³Julia Kristeva. 2007. *Cet incroyable besoin de croire*. Paris: Bayard, 24.

⁴Citado por Anselmo Borges, em crónica no *op.*

virtualidades cibernéticas disponíveis e que vão sendo cada vez mais sofisticadas.

Trata-se de acções de desinformação dos públicos mais vulneráveis (mas não só), para obstruir propositadamente a sua compreensão da realidade, a fim de se obterem resultados políticos ou financeiros planeados. Trata-se de atitudes intencionalmente obscurantistas.

3. Nesse campo, e a um nível primeiro de observação, deparamos com comportamentos como estes:

A NÍVEL POLÍTICO

* Invenção de factos pelas redes sociais e por meios de comunicação social, que amplificam a desinformação a uma escala nunca antes vista nem possível: com a camuflagem de situações e acções, interpretações enviesadas ou falseadas de factos, de modo a gerarmos públicos confusão e incerteza tóxicas. Ou então, simplesmente com programas para distrair dos factos, apresentando aparências deles, fornecendo a “*petite histoire*” ou escândalos para provocar emoções, ocultando assim o fundo das coisas: desinformando, portanto.

* Silenciamento das consequências já inevitáveis do desenvolvimento não-sustentável em curso, minimizando-se a gravidade dos seus efeitos ou garantindo que a ciência saberá encontrar soluções. (Algo recente em Portugal: a informação, falseada, sobre a viabilidade do futuro aeroporto no Montijo). A omissão maior, porém, e a nível internacional, diz respeito à ameaça de uma desmedida pobreza à escala mundial. Disso falou o Papa Francisco em ‘Laudato si’ (2015) anunciando a grave crise sócio-ambiental.

Explosão do terrorismo global, com o recurso a comportamentos obscuros e obscurantistas, quer dos próprios terroristas e seus mandantes quer dos países que foram colonizadores do Médio-Oriente desde a I Guerra Mundial bem como dos actuais países neo-colonizadores. A meu ver, foram esses agentes externos quem indirectamente provocou, e provoca ainda, levantamentos de revolta – pela desconsideração e humilhação sofridas pelas suas culturas e povos.

A NÍVEL DAS RELIGIÕES

* Secretismos em novas seitas religiosas que se multiplicam e ganham força política. E é estranho como se movem antes de mais

por objectivos auto-lucrativos: dinheiro, obtenção de favores. Em Portugal, entre outras coisas, a possibilidade de adopções ilegais.

* Perseguições violentas a minorias pela sua pertença religiosa. Alguns exemplos: o governo da China tem encarcerados membros da minoria *uigur*, muçulmana, tendo construído uma espécie de campo de concentração em Xinjiang, no Norte da China, para lavagem ao cérebro, violência física e extinção de chineses revoltosos, mas desconhecidos. Dois dos casos: o economista Ilham Tohti, por ter denunciado a situação, foi preso e na cadeia recebeu o prémio Sakharov 2019⁵; o artista plástico Ai Weiwei, noutra altura mandado também para a mesma cidade do Norte para reeducação, conseguiu fugir para o Ocidente. Ao voltar, porém, como reconhecimento internacional teve uns tempos de liberdade, só que a natureza interventiva e crítica do sistema presente na sua arte fez com que voltasse a ser preso. Foram as várias pressões internacionais que obrigaram o regime a libertá-lo.

Muitas outras perseguições estão em curso: às minorias muçulmanas, por budistas, em Mianmar; na Índia, por hindus.

Aos cristãos, coptas ou católicos e protestantes, com expulsões da terra e execuções, em países vários do Médio-Oriente: Egipto, Iraque, Síria (aqui, quando os turcos entraram a matar na zona curdistã). Etc.

A NÍVEL DA JUSTIÇA

* Nomeações obscuras nos mais recentes governos no nosso país, a proveito da cor do governo, para cargos decisórios que estão a julgar processos graves e complexos, de ordem político-financeira.

* Métodos duvidosos usados por juízes em Tribunais nacionais e internacionais, inseridos naquilo a que se chama 'Justiça Restaurativa'. Neste caso, a designação é: 'justiça sistémica'. Apoiada em invocações espíritas a vários dos antepassados dos réus, é com recurso a 'crendices' sem qualquer base sólida que são avaliados os problemas familiares apresentados. Trata-se de um método "novo", conhecido como 'Constelações familiares'. Por estranho que pareça, em Portugal há já quatro juízes a aplicar o método em Tribunal de Família (um deles na Comarca de Lisboa). E quase mais estranho ainda, a Universidade Católica Portuguesa em Lisboa acolheu um seu Congresso Internacional no corrente ano de 2019 ⁶.

⁵ Informação online em *Margens*.

⁶ Congresso sobre "Justiça Sistémica", a 18-19 de Outubro. Antes, tinha havido outro Congresso em Mafra. Significativamente, a Ordem dos Psicólogos negou-se a participar.

A NÍVEL CÍVICO E POLÍTICO

* Alteração crescente da natureza dos espaços urbanos: as metrópoles, que abrigam identidades plurais, em geral excluem do seu centro as minorias étnicas de baixo nível económico: imigrados e refugiados que, por descuido ou racismo, vivem entre nós aparte: em guetos que se têm tornado já algo incontroláveis, onde se gera violência, se passa droga, se planeou já terrorismo.

* Silenciamento no nosso país de alguns comportamentos governativos. Entre outras coisas, a cativação escondida de verbas que, no orçamento de Estado, foram anunciadas como destinadas a fins públicos.

* Embora a outro nível, obscurantista também será persistente a rasura da morte⁷ em todas as sociedades da civilização ocidental. Nas cidades, a sua presença tem sido apagada. É hoje praticamente invisível no dia a dia. Já não há cortejos em que, a pé, se acompanha a pessoa que morreu ao seu lugar de descanso. Ora isto lança uma obscura treva sobre o sentido último da existência humana.

4. De par com isto, surge algo sofisticado e mais perigoso ainda: entidades (instituições fantasma, pessoas com nomes falsos) que usam as actuais potencialidades virtuais para actuarem sem qualquer transparência, expandindo propositadamente uma obscuridade a diferentes níveis, para proveito próprio ou de quem tal financia. O que fazem?

* Submissão da política – subreptícia, não confessada – a poderes financeiros anónimos e criação de espaços virtuais, chamados paraísos fiscais, onde é possível segurar os lucros que não passam pela fiscalidade, tanto de indivíduos como de empresas, sem qualquer controlo do Estado.

⁷ Uns dias depois da apresentação deste texto, *7Margens* noticiou o seguinte, a 14 de Novembro: “cientistas israelitas descobri[ram] que o cérebro humano evita pensar na morte devido a um mecanismo de defesa que se desconhecia.”

* Campanhas de desinformação digital que intervêm na própria democracia, manipulando eleições. O intuito parece ser justamente o de minar a própria democracia no Ocidente, mudando comportamentos de muitos cidadãos. Acredita-se com Steve Bannon - um dos directores da empresa britânica *Cambridge Analytica*, de que falarei adiante -, que “para mudar uma sociedade é preciso primeiro destruí-la”. E isso está já a acontecer. Com as confusões, incertezas, manipulações sobre a consciência dos cidadãos, pretende-se que estes - cansados de não saberem distinguir entre verdadeiro e falso - sigam o que lhes é proposto digitalmente (via *Google, Facebook, Twitter, Whatsapp*, etc.). Ora todas essas redes, ao apresentarem uma versão filtrada, falseada, dos factos, estão a abrir caminho a novas escolhas políticas. E não apenas para caminhos politicamente “à direita”, mas para poderes autoritários (caso do Brasil, Itália (há uns meses), Hungria, etc.), coisa que, pelo que está à vista, agrada a países autoritários: China (uma ditadura capitalista, dita comunista) e Rússia (uma oligarquia capitalista de vestígios comunistas). Isto não apenas lhes agrada, como ambos os países têm intervindo, concertados ou não, numa global manipulação de cidadãos ocidentais.

Essas empresas fazem uma espécie de jogo com convicções básicas dos cidadãos.

E, com tudo o que compramos, investimos, ou comemos, resulta de convicções, tais empresas procuram formatar os públicos menos informados para as convicções que lhes interessam: na saúde, alimentação ou nos investimentos financeiros. Para terem eficácia - sabe-se - as suas campanhas assentam na consciência de que se exige um mínimo de verdade no que propõem: “*The most effective misinformation starts with seeds of truth*” (lê-se num dos mais recentes números da revista científica norte-americana *Scientific American*⁸). E como “A verdade pode ser enganosa mesmo nas teorias mais firmes⁹”, bastará uma breve afirmação, convicta, e só na aparência bem-fundada, para que ela se torne viral.

Os *media* digitais fazem então circular afirmações falsas, erros (científicos, políticos, financeiros), de modo a suscitar medos e

⁸ Cailin O'Connor & James O. Weatherall. “Why we trust lies?”. In *Scientific American: Truth, Lies & Uncertainty. Searching for Reality in Unreal Times*, 48.

⁹ Por exemplo, a mecânica quântica é uma teoria suficientemente testada, no entanto a sua interpretação continua opaca, obscura.

crenças a muitos níveis: uma espécie de derrame social dessas noções propositadamente falseadas, para que singre a insegurança total.

E são muitos os casos destas chamadas *fake news*: razões inventadas para criar suspeita e receio quanto à integração de refugiados, imigrantes, estrangeiros; quanto à natureza de produtos diversos, como vacinas, alimentos; ou quanto à fidedignidade de figuras políticas concorrentes a eleições. Etc.

(Um caso recente foi a falsa indicação sobre componentes da vacina contra o sarampo nos EUA, noticiando-se que o produto continha gelatina feita de carne de porco. Isso fez com que a comunidade judeus ortodoxos em NY - e também outro grupo étnico - pura e simplesmente recusasse ser vacinada. E houve uma epidemia que matou pessoas.¹⁰)

* A utilização dos simples *like* que podemos digitar, reagindo a uma ideia, texto, imagem, vídeo, no *Facebook, Twitter, Google*, é outro dos dispositivos que favorece e permite a manipulação dos públicos por entidades obscuras. Assim, gostos, medos, vibrações emocionais, incertezas pessoais, revelados por esses *like*, permitem às empresas aí focadas, manipular cidadãos para objectivos de outros e como fonte de receita própria. A recolha de dados pessoais serve para objectivos que ignoramos. Basta um *like*, ou um *meme* partilhado (*meme*: é unidade mínima de uma ideia ¹¹), para que algo privado se torne apropriável por outros, sem que sequer o saibamos. Fala-se já do poder de um *meme*: *the power of memes*.¹²

Trata-se da 'privacidade hackeada' ¹³, penetrada e manipulada por *hackers*. Empresas há que se constituíram só para esse fim, como o documentário com esse nome o mostra. Nele se dá conta dos recentes e efficientíssimos ciber-ataques, quer a sistemas de registo de votos de alguns Estados quer às suas máquinas eleitorais.

Uma dessas empresas era a *Cambridge Analytica*. Acaba de ser extinta, curiosamente, por uma denúncia a partir de dentro: por dois dos seus directores (entre eles Brittany Kaiser, mulher jovem e muito capaz) que, com coragem expuseram publicamente a natureza

¹⁰ Outro exemplo: o Estado da Califórnia votou sobre a obrigatoriedade das vacinas. Ora, sem formação médica!, foram os cidadãos a votar: contra a vacinação. A própria Rússia terá intervindo para descredibilizar a saúde pública ocidental.

¹¹ A formação linguística *meme* é idêntica à de *gene*.

¹² C. O'Connor, 48.

¹³ Documentário disponível na Netflix.

damanipulação levada a cabo pela empresa pelo menos em dois casos (mas houve mais): eleição de Trump e decisão britânica sobre o *Brexit*. Assim se soube como o fundador da empresa – Alexander Nix – descobriu a possibilidade de actuar em diversos países, anulando o exercício democrático.

O método consistia em comprar, aos gestores de redes sociais, nestes casos sobretudo ao *Facebook* - a preço de ouro¹⁴ - os dados particulares dos indivíduos inscritos nessa rede social: nos EUA e no Reino Unido. Quem, com intenção política precisa se serviu dessa empresa, pretendia manipular competentemente o voto dos cidadãos indecisos. E resultou. Para a eleição de Trump, a *Cambridge Analytica* possuía mais de 5 mil dados sobre cada cidadão dos Estados onde seria chave o voto republicano. A empresa tornou-se uma *full service propaganda machine* - como se diz no documentário atrás citado - produzindo, vídeos, mensagens capazes de convencerem decididamente os indecisos.

Com isto, como afirmou uma das jornalistas do *The Guardian* em Inglaterra, em vários países ocidentais deixou já de haver eleições livres. Também algumas universidades e outras instituições o têm apontado (cfr.: o famoso vídeo *online* de uma prof. de Economia de Cambridge, que para protestar contra a forma como o *Brexit* foi votado e ganho, deu uma aula totalmente nua, com as suas palavras-chave de protesto inscritas na própria pele.)

Tudo isto - e isso se pretende - tem levado muitos cidadãos menos informados a acreditarem que só os autoritarismos políticos poderão pôr cobro a este estado de coisas. Ora as virtualidades cibernéticas (as actuais e as que se preparam) parece serem, pois, de grande interesse para China e Rússia, que actuam (de acordo com informações eventualmente verdadeiras) de modo a conseguirem acabar com as democracias ocidentais.

5. Por isso, em vez de “casa comum”, temos a apropriação por poucos não só de bens comuns à Humanidade, mas a apropriação opaca, obscurecida, ilícita, das próprias vontades e identidades individuais, para finalidades que foram (ou virão a ser) de interesse para esses poucos que tomaram conta do Mundo. Em meu entender, nem sequer são os *happy few*, mas *unhappy few* : poucos, sim, *unhappy* talvez, mas bilionários!

¹⁴Segundo esse documentário citado, o valor dos *personal data* é mais alto que o do próprio petróleo.

6. No entanto, e apesar de tudo, ainda serão possíveis denúncias, travões, desse falseamento da narrativa global. Denúncias que intendam travar esses poderes, anónimos, sobre cidadãos incautos. Assim fossem eficazes...

Alguns casos:

* Os países bálticos criaram estratégias para os cidadãos lidarem com a des-informação: falam de exércitos voluntários civis de “gnomos” (ou “duendes”) ¹⁵ que têm exposto os métodos dos “duendes” (ou “gnomos”) ¹⁶ do próprio Kremlin.¹⁷

* A *John Kennedy School of Government, da Universidade de Harvard*, lançou neste Inverno, uma revista em formato multi-media que dá prioridade a artigos sobre as implicações da desinformação (*misinformation*) na vida real, em particular no campo dos *media*, saúde pública, eleições.¹⁸

* A divulgação do documentário “Privacidade hackeada”, disponível na Netflix, em que é mostrado o que os protagonistas da *Cambridge Analytica* fizeram, tanto os denunciantes como o fundador da empresa, quando este (Alexander Nix) – uma vez a denúncia feita - foi chamado a depor em Tribunal.

7. Neste momento crítico da História, o que falta é que acreditemos na Humanidade e no seu futuro. E com isso agir. Falta-nos então decidir, com Fernando Assis Pacheco num seu poema, actuar:

[...] *eu dou cabo*
*da escuridão do mundo.*¹⁹

Éo que está em falta. Que as nossas vidas saibam contribuir, eficazmente, para uma nova limpidez, para uma reverência para com todos e para com o próprio Planeta, para uma generosidade

¹⁵Em inglês: *elves*.

¹⁶Em inglês: *trolls*.

¹⁷“When ‘Like’ is a Weapon. Everyone is an agent in the information warfare”. Editors. *Scientific American*, 2019, 8.

¹⁸“When ‘Like’ is a Weapon”, 8.

¹⁹ Fernando Assis Pacheco. 2019. ‘Com a tua letra’, 2012. In *A Musa Irregular. Edição Aumentada*. Org. Abel Barros Baptista. Posf. Manuel Gusmão. Lisboa: Herdeiros de FAP & Tinta da China.

- solidária e luminosa –porque integradora Natureza e, sobretudo, dos mais excluídos da Terra.